

Seminário de História Religiosa Moderna
7ª Sessão – 10 de Outubro de 2011 – 17.00h

1. **Comunicação:** - **Os santos na corte de D. João III e D. Catarina** por Ana Isabel Buescu, da Universidade Nova de Lisboa
2. **Presenças:** 30
3. **Introdução:** José Pedro Paiva aproveitou o início da sessão para manifestar satisfação pela publicação de dois livros que tinham a ver com a dinâmica do Seminário da Moderna que mensalmente nos convocava. Referiu-se concretamente à edição da tese de doutoramento de Ana Isabel Salazar López-Salazar Codes, editada pelo Centro de Estudos de História Religiosa, da UCP, e ao último número da revista *Lusitania Sacra*, cuja composição resultava em boa parte de investigações e comunicações que se tinham efectuado no seminário da moderna. Após isso, deu as boas vindas à palestrante, vincando a oportunidade da temática. Procedeu de seguida à apresentação de um texto introdutório, onde inventariou várias questões suscitadas pela temática que a convidada desse dia iria abordar e sistematizar. Esse texto de apresentação da sessão está disponível nesta página do Seminário. Após isso, foi dada a palavra à convidada da tarde.
4. **Texto da comunicação:** A ser publicado no *site* habitual.
5. **Intervenções livres:** Depois da comunicação pediram a palavra José Pedro Paiva, Carlos Margaça Veiga, António Ribeiro, António Filipe, Ana Alves, José Duque e David Sampaio Barbosa. O tempo que se seguiu não desmereceu da comunicação que se ouvira. Parte do debate centrou-se nas questões ligadas à corte de D. João III e D. Catarina; pareceu ser consensual admitir que no ambiente de corte se assumia a santidade com naturalidade, com expressões condizentes com as correntes espirituais da época. E entrando já bem dentro dos espaços régios, e tendo em conta o carácter dos monarcas ali tratados, a dimensão devocional ajustou-se ao percurso que o par régio tinha feito, mormente a rainha D. Catarina. Sobre a soberana ainda se poderiam estabelecer etapas cronológicas sobre o tempo vivido em Castela e, posteriormente em Portugal. Indagou-se da composição do oratório pessoal de D. Catarina, procurando saber-se do grau de influência que do tempo de Castela trouxera para a corte de Portugal. A pertinência da questão era óbvia; entrar nesse espaço, dedicado à oração e à devoção, era entrar no íntimo religioso da soberana. Interessava também ter informação da forma como se relacionou com outras cortes, mormente com a corte de Roma, donde também provinham relíquias e incitamento a determinadas devoções. Algum esclarecimento se deu sobre esses pormenores; a chegada a Lisboa de duas importantes relíquias do mártir S. Sebastião foi ilustrativo sobre o interesse pela relíquia e o registo de circulação que das mesmas se fazia pela Europa do tempo. O grau de afectação a muitos santos, venerados na corte, não nos permite chegar a um conhecimento que nos possa afiançar do campo vastíssimo onde pululavam santos vivos e defuntos; nesse sentido difícil se torna saber até que ponto a estigmatizada do convento da Encarnação teria interessado a corte. Os santos de veneração régia tiveram reflexo diversificado no ambiente da corte; de quando em vez, para além do revigoramento da vida cristã e duma exemplaridade que estimulavam, foram também motivo de desencontros, em virtude de espiritualidades diversas que os mesmos geravam. Parece ser consensual apontar o espaço devoto régio como lugar de devoção, integração, de divisão e até de conflitualidade em torno da figura de alguns santos. A esse mundo referido não foram certamente alheios os confessores ao serviço da corte. Foi ainda debatida a questão de saber até que ponto a Rainha pode ter tido influência na configuração da piedade do marido e rei.